

PsittaScene Primavera de 2017

Traduzido por André Becker Saidenberg

Sumário

- 4 Mensagem do...*Steve Milpacher, Diretor de operações Wpt*
- 5 Pesquisa e Conservação das Araras-de-Lear
- 12 Papagaios-do-Cabo estão se mantendo
- 16 Os Papagaios-do-Cabo são uma espécie separada?... e isso importa?
- 18 Aventuras na Conservação *Resgatando um voluntário no Projeto Ara*
- 19 Revisão de Livro *Guia de bolso de biologia de aves do Laboratório de Ornitologia da Faculdade de Cornell – Terceira edição*
- 20 Um ano em destaque: *Progresso para as Araras-de-garganta-azul*
- 24 Finalmente livres: Soltura de Tiribas-de-testa-vermelha resgatadas em 2016
- 26 PsittaNews *Notícias e Eventos, índice das edições da PsittaScene de 2016, Contatos do Wpt*
- 28 Psitacídeos na Natureza *Papagaio-do-Congo vs Calaus*

Na capa

A pesquisadora Erica Pacifico cuidadosamente maneja um filhote de Arara-de-Lear (*Anodorhynchus leari*) dentro de uma profunda e estreita abertura na rocha na Estação Biológica de canudos, Fundação Biodiversitas, Brasil. Ela usa uma máscara para se proteger da poeira e detritos.

Durante a expedição de 2016, a equipe do projeto descobriu que as araras haviam retornado a um sítio reprodutivo histórico após uma ausência de quatro décadas.

Leia mais na página 5.

Mensagem de... Escrivaninha do Steve

Essa edição da PsittaScene me fez pensar sobre as incrivelmente dedicadas e talentosas pessoas ao redor do mundo com quem nós trabalhamos para salvar os psitacídeos. A sua tenacidade e determinação são admiráveis.

Os membros da equipe do Projeto da Arara-de-Lear se arrastam dentro de fendas cheias de morcegos para encontrar os raros filhotes e colocar anilhas, e enfrentar encontros com abelhas africanizadas. Os voluntários na Costa Rica que ajudam as Araras-piranga às vezes se encontram presos no alto de uma árvore sem maneira de descer, e precisam ser resgatados por outros.

Na Bolívia as Araras-de-garganta-azul se encontram, as chuvas sazonais chegam e deixam os trabalhadores do projeto tendo que chafurdar, ou até mesmo nadar através das águas por meses durante o passar do ano.

E então para todos existem os insetos – alguns amigáveis, outros buscando por uma refeição vinda de um mamífero.

Essas pessoas enfrentam as condições mais difíceis no planeta, tudo para ajudar a vida-selvagem. Mas, fazem com prazer esse trabalho que por vezes é desanimador, mas em outras ocasiões profundamente gratificantes e inspiradoras. Nós do Wpt, e os psitacídeos são gratos para sempre.

Deixe um legado

Qual será o seu legado?

Deixe que a sua dedicação pelos psitacídeos continue a viver.

Deixar um presente através do seu legado ao World Parrot Trust pode ser uma das mais fáceis e gratificantes contribuições que você fará.

Visite o nosso site em www.parrots.org/legacy ou contate o nosso representante mais próximo de **você (leia na página 27.)**

Pesquisa e Conservação da Arara-de-Lear

Com o passar da última década, a pesquisadora Erica Pacífico e sua equipe tem trabalhado com as últimas Araras-de-Lear remanescente. A sua última expedição, apoiada pelo Wpt, foi uma ocasião de descoberta e esperança renovada para essas aves especiais.

Na região Norte da Bahia, Brasil, essas admiráveis araras azuis, cujas vocalizações parecem um pouco as dos corvos Americanos, vivem uma vida de desafios. Elas nidificam nas fendas mais profundas em altos penhascos, longe da maior parte dos predadores, onde criam um ou dois filhotes durante um bom ano. Elas enfrentam condições difíceis e ressecadas, e estão sob ameaça da interferência humana e perda de habitat. Mas apesar de tudo isso, essas aves tenazes começaram a se recuperar.

Desde 2008, Érica e sua equipe completaram sete expedições na Estação Biológica de Canudos da Fundação Biodiversitas, o último refúgio da Arara-de-Lear.

Ali eles encontraram novas informações sobre o comportamento reprodutivo e alimentar, e como o ambiente afeta a vida dessas aves. Em 2016, a equipe saiu para uma expedição de 45 dias com seis voluntários, cinco pesquisadores e três guias locais para continuar o trabalho.

Aqui está a sua estória — e a das araras — em imagens.

O TRABALHO DESTE ANO:

Monitoramento do sucesso reprodutivo:

Com o passar desse ano, a equipe observou 35 ninhos em 4 sítios reprodutivos, verificando a saúde e anilhando 47 filhotes em 31 ninhos. Somando-se a isso, eles conduziram um estudo da aceitação dos pais realizando um novo método de anilhamento, agora sendo utilizado devido à dificuldade em ler os números nas anilhas antigas. Com as novas anilhas, espera-se que as araras juvenis sejam mais facilmente avistadas com binóculos e telescópios.

Estudos de doenças com os filhotes

André Saidenberg, MV PhD e Coordenador do Programa do Wpt no Brasil, e Marcos V. R. Marques, MV PhD coletaram amostras de fezes e sangue dos filhotes para estudar doenças que possam afetar a população.

Pesquisa com filhotes em novas áreas

Em 2016, os pesquisadores foram capazes de examinar os filhotes de um ninho na área da Baixa do Chico pela primeira vez. As araras desapareceram desse local em 1979, mas aproximadamente 60 estão de volta e se reproduzindo.

Porem, a pressão continua: existe contínua perturbação no local pelos fazendeiros dirigindo com seu equipamento. Devido a isso, acredita-se que as araras modificaram a área de nidificação por outro local mais quieto na mesma estrada. A comunidade indígena local pediu à equipe para colocar uma placa de “não perturbe” aconselhando as pessoas a evitar esse caminho durante o período de descanso das araras.

Legendas:

Equipe de campo e voluntaries no estudo dos ninhos na Estação Biológica de Canudos, Fundação Biodiversitas. Da esquerda para direita: João Carlos Nogueira, Máximo Cardoso, Thiago Filadelfo, Fernanda Lacerda, Roberta A. Cunha, Angela Prochilo. (fileira da frente) Cesar Leite, Erica Pacífico.

A pesquisadora Erica Pacífico e o assistente Máximo Cardoso descem um desfiladeiro íngreme para trabalhar com os filhotes de arara.

Arara-de-Lear

(Anodorhynchus leari)

População mundial:

< 1,200

Onde são encontradas:

A população selvagem está confinada ao platô do Raso da Catarina, NE Bahia, Brasil. São encontrados no terreno seco da caatinga. Na maior parte em áreas com palmeiras *Syagrus coronata*.

Ameaças:

Essa espécie está ameaçada pela perda de habitat, caça e captura para o tráfico.

Ecologia e Comportamento:

Essas araras são vistas em barulhentos bandos fora do período reprodutivo. Os locais de dormitório se localizam em fendas desgastadas próximo ao topo de paredes de arenito. A saída para forragear ocorre antes do amanhecer e voltam para o dormitório ao entardecer.

Impacto das abelhas africanizadas invasoras

Juntamente com dois entomologistas Americanos (Caroline Efstathion, PhD e Robert French Horsburgh, PhD) a equipe buscou descobrir o quanto de impacto as abelhas africanizadas (*Apis cff. melifera*) estão tendo nas araras ao estudar os insetos em locais potenciais de nidificação. As piores áreas parecem ser Barreiras e Baixa do Chico.

As abelhas invadindo os ninhos, juntamente com as atividades de coleta de mel, potencialmente acrescentam dificuldades para as araras (perda de habitat para reproduzir e captura ilegal tanto para o comércio local e internacional de aves de estimação).

O próximo passo em ajudar a prevenir possíveis perdas vindas de novas ameaças será utilizar a informação coletada do estudo para preparar um plano de ação para a erradicação dos insetos. Enquanto isso, alguns experimentos estão sendo feitos: utilizando caixas isca para atrair e capturar os enxames, e acertando as colméias com flechas (besta) carregados com repelentes.

Legenda:

Um membro da equipe pendura uma caixa ninho isco para atrair as abelhas africanizadas.

Os biólogos se vestem para procurar os insetos agressivos.

Uma besta carregada com repelente enfiada na colméia.

A bióloga voluntária Roberta A. Cunha organiza as amostras biológicas coletadas dos sítios de reprodução na Estação Biológica de Canudos.

Preparando amostras de penas.

Catalogando amostras de sementes.

Coletando amostras para a ecologia de forrageamento e estudos populacionais genéticos.

Juntamente com as observações do comportamento de forrageamento das aves, os pesquisadores descobriram e catalogaram 24 novos itens alimentares que somaram a mais de 800 penas encontradas nos sítios de dormitório (um método conhecido como amostragem não-invasiva) para estudar a dieta da Arara-de-Lear. Eles também coletaram 300 penas para teste por DNA (para identificar individualmente as aves), e 200 amostras de fezes para o estudo de dispersão de sementes em colaboração com o Museu de Ciencias Naturales de Madrid.

Estudo da qualidade de habitat

A equipe viajou 1,500Km, visitando as municipalidades de Campo Formoso, Umburanas, Sento Sé, Morro do Chapéu, Andorinhas, Uá-Uá e Euclides da Cunha. Nessa viagem eles descobriram duas localidades adicionais (Queixo Dantas, em Campo Formoso, e Gruta dos Brejões, em Umburanas), e também descobriram um novo dormitório em Barra do Tanque (Euclides da Cunha), onde contaram 147 araras.

Análise do sítio de Boqueirão da Onça como área de soltura

O local é um fragmento florestal de caatinga medindo 900.000ha do qual as araras desapareceram nos anos 2000. A última expedição realizada pela Fundação Biodiversitas encontrou aproximadamente 30 araras. Os residentes locais descrevem uma população histórica de mais de 100 araras. Agora a área contém apenas duas aves que não se reproduzem.

Um objetivo futuro é identificar tanto as áreas de refúgio e de forrageamento para as araras e implementar um programa para recuperar a população pela soltura de araras nascidas em cativeiro.

Documentário e entrevista

Os biólogos Angela Prochilo e Cesar Leite acompanharam a equipe em 2016 para documentar os desafios do trabalho de campo e conservação das araras. O documentário é parte do Mestrado de Angela com a BBC Wildlife, em parceria com o fotógrafo João Marcus Rosa (Nitro Imagens, Belo Horizonte), e co-financiado pelo World Parrot Trust.

A pesquisadora Erica Pacífico também participou de uma entrevista sobre a área de Barreiras e sobre a conservação dos sítios reprodutivos das araras. Produzida por Eliomar Almeida.

Legenda:

A equipe entrevista dezenas de pessoas de idade no local para juntar informação sobre as áreas históricas das Araras-de-Lear.

Na Serra das Araras, uma área de proteção ambiental (APA) Gruta dos Brejões em Umburanas existe arte pré-histórica, algumas das quais lembram as araras em vôo.

A bióloga Angela Prochilo durante a filmagem do documentário na área de Boqueirão da Onça.

Em reconhecimento:

O estudo da população das Araras-de-Lear está em continuidade desde 2014 com apoio da Fundação Biodiversitas (FB), Instituto Arara Azul (ITA), e Centro de Estudos de Migração de Aves (CEMAVE-ICMBio). Coordenado por Erica Pacífico, M.Sc., bióloga e estudante de doutorado do programa “Ciências sem Fronteiras”, CAPES, e também do Departamento de conservação da Estação Biológica de Donana (EBD-CSIC), em colaboração com o museu de zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP), e Laboratório de Genética Molecular de Aves da Universidade de São Paulo (LGEMA). O trabalho de campo foi patrocinado pelo World Parrot Trust (WPT), e Toyolex Veículos Concessionária. Trabalho de laboratório financiado pela Loro Parque Fundación.

No longínquo nordeste da África do Sul, um pequeno fragmento de floresta afromontana se agarra nos íngremes declives da escarpada de Drakensberg. As majestosas árvores de Madeira-amarela e Matumi sobem acima do canopi da floresta, com os líquens e epífitas descendo em cascatas sobre os ramos como as cachoeiras que caem através das ravinas abaixo.

*Esse bolsão de floresta subtropical alberga um número de espécies de aves especializadas, entre elas os Papagaios-do-Cabo (*Poicephalus robustus robustus*) no extremo norte da sua área de distribuição.*

OS PAPAGAIOS-DO-CABO ESTÃO SE MANTENDO NA FLORESTA NATIVA.

ESCRITO PELO DR. ROWAN MARTIN, DIRETOR DO PROGRAMA WPT-ÁFRICA.

Anteriormente se conectando com as florestas mais extensas ao sul, a mudança climática em tempos antigos e mais recentemente o desmatamento, deixaram essas aves separadas das outras populações por muitas centenas de quilômetros.

Somente uma ínfima fração das florestas afromontanas da África-do-Sul existem

atualmente, espalhadas em fragmentos pela escarpada de Drakensberg e no leste do Cabo. O isolamento deixou a sua marca na genética dos Papagaios-do-Cabo na Floresta de Limpopo. Um estudo recente revelou que essa população é geneticamente distinta dos outros papagaios encontrados em outros locais. A pesquisa apóia a idéia de que o isolamento é um fenômeno relativamente recente e levanta a questão de quanto tempo esses psitacídeos podem se manter.

Com a população mundial dos Papagaios-do-Cabo estimada em não mais do que 2.000, proteger esses fragmentos florestais e os psitacídeos que ali fazem seu lar é uma prioridade na conservação.

Com a ajuda do Wpt, em 2013 os experts em aves locais David Letsoalo e Paul Nkhumane iniciaram um projeto de campo com o objetivo de compreender mais sobre os Papagaios-do-Cabo e a floresta, além de aumentar a conscientização na sua área sobre a sua importância na conservação. David e Paul trabalham com guias de observação de aves na Pousada Kurisa Moya e tem um conhecimento profundo sobre a área e suas aves. Eles também tem fortes conexões com as comunidades locais e são profundamente apaixonados pela conservação.

David, Paul e o Wpt se uniram com o Professor Craig Symes da Universidade de Witwatersrand que conduziu uma pesquisa intensa nos proximamente relacionados Papagaios-de-cabeça-cinza (*Poicephalus robustus suahelicus*) nessa região, para estabelecer um projeto de monitoramento. Através de pesquisas sistemáticas em locais-chave, o projeto objetiva monitorar as tendências populacionais, e compreender os motivadores dos movimentos sazonais e a conexão com os Papagaios-do-Cabo e outras espécies.

Locais de nidificação foram identificados e esforços estão sendo feitos para expandir as áreas de estudo, construindo uma imagem cada vez mais detalhada de como os psitacídeos utilizam essas impressionantes regiões.

As escarpas íngremes dessa região, cobertas por florestas densas, são cortadas por algumas estradas e trilhas. Somente com tempo e tenacidade se irão descobrir os segredos mais escondidos dessas aves fascinantes. Existe muito ainda para se aprender, tal como a localização de importantes locais de nidificação e dormitório.

Como muitos psitacídeos, os movimentos do Papagaio-do-Cabo seguem as mudanças sazonais na disponibilidade de alimento, com as aves se reunindo em grandes bandos quando as árvores frutificam. Os locais de alimentação podem ser altamente previsíveis e uma das melhores oportunidades de se observar grandes bandos de Papagaios-do-Cabo é durante a frutificação de um noz específica de macadâmia e pecã em uma fazenda na base do vale de Magoebaskloof. Apesar de que historicamente, os fazendeiros de nozes na África-do-Sul tem perseguido os papagaios como pragas agrícolas, os proprietários da Fazenda Amorentia tem uma visão muito mais evoluída.

Longe de perseguirem os psitacídeos, eles têm buscado apoiá-los através da colocação de caixas-ninho e encorajando a se reproduzirem próximo dali. Quando um grupo de experts internacionais em escalada de árvore visitou a área em 2014, o diretor da

fazenda, Wynand Espach, viu uma oportunidade para aproveitar as suas habilidades e expandir o projeto de colocação de ninhos.

Unido forças, o grupo “Explorando as Árvores” nasceu e desde então tem continuado projetos de conservação como o dos Papagaios-de-Timneh na Guiné-Bissau (leia “Subindo alto”, PsittaScene Verão 2016) e Araras-de-Lear no Brasil. Outros esforços para desencorajar abelhas de invadirem as caixas-ninho, espera-se que os Papagaios-do-Cabo logo façam dali seu lar. As lições aprendidas aqui podem ser inestimáveis para aumentar as populações reprodutivas em outros locais onde são encontrados.

Reconhecendo que o futuro da floresta e das magníficas árvores que apóiam os papagaios permanece nas mãos da próxima geração, David Letsoalo tem desenvolvido um programa educativo nas escolas da região. Através do apoio do Wpt, mais de 100 crianças foram regaladas com a paixão e entusiasmo de David pela floresta e suas aves.

Uma variedade de jogos e outras atividades tem proporcionado oportunidade tanto dentro e fora da sala de aula para as crianças aprenderem sobre a associação estreita entre as árvores mais velhas da floresta e suas aves mais carismáticas. Plantando árvores ao redor da escola deu a esses futuros “guardiões da floresta” uma contribuição pessoal na conservação de psitacídeos, fazendo um impacto na área que irá se estender muito além de sua própria vida. Seguindo-se esse sucesso inicial, o programa de educação ambiental está programado para ter continuidade.

Apesar de que a população permanece pequena e a situação precária, a diversidade de esforços para a conservação do Papagaio-do-Cabo na floresta parece otimista em relação ao seu futuro. Conforme mais se aprende através de trabalhosas pesquisas, os esforços serão ainda mais refinados e concentrados onde podem ter maior impacto. Talvez a melhor razão para ter esperança é de que esses esforços são realizados por pessoas locais e apaixonadas com o objetivo de inspirar os conservacionistas de amanhã.

O World Parrot Trust gostaria de agradecer aos muitos doadores –em particular a Fundação da Família Isdell, Ilana e Sean Mercer, Paula Feldman, A Fundação Bridging Peace e Fran Vogel – pelo seu generoso apoio na conservação dos Papagaios-d-Cabo. Agradecimentos adicionais para David Letsoalo, Paul Nkhumane, Lisa Martus e todos da Pousada Kurisa Moya (um local adorável para ficar na sua viagem para observar os papagaios!).

Educação ambiental com o Papagaio-do-Cabo:

Um Esforço de base

David Letsoalo é um guia de observação de aves na Pousada Kurisa Moya Nature na floresta de Magoebaskloof, Limpopo – a segunda maior floresta nativa na África-do-Sul. A seguir ele fala sobre inspirar a próxima geração de conservacionistas:

“Os Papagaios-do-Cabo são aves lindas, sociáveis e inteligentes e sinto uma onda de alegria toda vez que os vejo voando acima ou se equilibrando no topo das árvores para forragear nas delícias da floresta. Estejam eles se limpando um ao outro, forrageando ou escavando uma cavidade de ninho, são uma espécie fascinante e divertida.

Eu tenho estudado os psitacídeos- em associação com o World Parrot Trust e a Universidade de Witwatersrand – por 2 anos e sou o coordenador da contagem anual de Papagaios-do-Cabo em Limpopo, portanto tenho tido muitas oportunidades de observar como se comunicam e cuidam de seus filhotes. Já existe pressão sob a espécie devido à Doença do Bico e das penas, mas eles também sofrem ameaças de traficantes que roubam os filhotes para vender.

Sou apaixonado por essas aves e sua conservação, já que existem muitas em minha comunidade. Os vários grupos em Magoebaskloof, Haenertsburg, Tzaneen, Vale do Rio Kudu e Politsi tem um interesse contínuo e comprometimento em preservá-los.

O programa educacional do Papagaio-do-Cabo tem se concentrado em crianças em idade escolar, em particular na Escola Lerato e Escola Primária Hlalefa, que estão situadas próximo ao local aonde os papagaios vem para forragear nas nozes pecã. Portanto, é relevante para essas crianças compreenderem o porquê devem celebrar essas aves e ajudar a protegê-las.

Numa série de aulas dinâmicas, utilizando jogos feitos sob medida, quebra-cabeças, cartões de atividades e adesivos para inspirar e interessar as crianças, a mensagem sobre a importância dessa espécie e de sua conservação tem sido transmitida. E através de competições e prêmios, atividades divertidas e plantando árvores para a escola, as crianças se tornam mais ativamente envolvidas e com um conhecimento aumentado que deve resultar em um maior senso de orgulho e proteção para a natureza.

O projeto está fazendo a diferença, uma criança por vez, e garantindo que os Papagaios-do-Cabo sejam uma característica dos céus acima de Limpopo nas gerações que virão.”

Agradecimentos especiais para Aeri Wittenburgh por voluntariar o seu tempo e conhecimento para nos auxiliar com os desenhos e recursos educacionais, Trevor Hardaker por gentilmente compartilhar as suas fotos e Nicholas Bishop por criar o gibi do Papagaio-do-Cabo que agora está nas salas de aula de toda a região.

Seriam os Papagaios-do-cabo uma espécie em separado?...e isso importa?

Os pesquisadores na Universidade de de KwaZulu-Natal recentemente analisaram as amostras genéticas de toda a área de distribuição do Papagaio-do-Cabo com o objetivo de resolver um debate que se estende por décadas com relação ao seu status taxonômico; essas aves deveriam ser consideradas uma espécie por si, ou seriam somente uma subespécie de um papagaio descrito com variações como Papagaio-de-pescoço marrom ou Papagaio-de-cabeça-cinza (*Poicephalus robustus fuscicollis* e *P. r. suahelicus*) amplamente difundidos no sul da África?

Essa não é uma questão banal e leva a discussões sobre a definição de uma espécie, que vêm ocupado os taxonomistas desde o tempo de Darwin.

A categorização também tem ramificações significativas para a conservação. Como os conservacionistas se esforçam para direcionar de maneira eficiente os recursos disponíveis, os índices tais como a Lista Vermelha da IUCN são cada vez mais influentes na decisão do que vai ser protegido e o que não será.

A nova pesquisa sugeriu que o ancestral comum mais recente dos dois papagaios viveu entre 2.17 e 2.67 milhões de anos atrás no final do período Pleioceno e Pleistoceno. Esse período viu grandes mudanças, onde pastos e florestas foram expandindo e contraindo, o que provavelmente levou ao isolamento e divergência das populações.

Essa nova informação pavimentou o caminho para a aceitação dos Papagaios-do-Cabo como uma espécie distinta pela Convenção Internacional do Comércio de Espécies da Fauna e Flora (CITES), em 2016.

Isso também acionou a BirdLife International, a autoridade da Lista Vermelha com relação a aves, para tomar mais atenção nas diferenças de morfologia, vocalizações, ecologia, comportamento e o grau de separação geográfica entre possíveis espécies.

Esse é o critério sob o qual muitas espécies que se dividiram foram avaliados e recentemente atualizados na Lista de Aves do Mundo (del Hoyo *et al.* 2014). Seguindo-se essa reavaliação, foi determinado que os Papagaios-do-Cabo são suficientemente diferentes em plumagem (cabeça mais esverdeada, penas de cobertura da asa e de vôo mais escuras, menos vermelho na cabeça das fêmeas), são menores (principalmente um bico menor) e tem vocalizações bastante distintas dos *suaehelicus/fuscicollis* para serem reconhecidos como uma espécie distinta.

Os Papagaios-do-Cabo agora irão ter o seu status avaliado pela Lista Vermelha da IUCN de espécies ameaçadas.

Os icônicos Papagaios-do-Cabo “Verde e dourados” foram por algum tempo considerados Ameaçados no livro de dados sul africanos e tem a sorte de contarem com muitos indivíduos apaixonados e grupos como o World Parrot Trust, o Projeto Papagaio-do-Cabo, o Grupo de Trabalhos do Papagaio-do-Cabo, Explore as árvores, Birdlife África do Sul e outros trabalhando para a sua proteção na África-do-Sul.

Aventuras na Conservação

Não é uma coisa fácil escalar uma árvore de 15m de altura. É uma coisa já totalmente diferente escalar uma árvore de 15m, tentar trabalhar ali, e ter araras atacando enquanto se está fazendo isso.

Isso é o que aconteceu para uma aprendiz de escalada no projeto Ara na Costa Rica, quando ela ficou presa no cume da árvore durante um treinamento sobre como inspecionar uma caixa-ninho recém instalada. Vendo a confusão, o diretor do Projeto Sam Williams se equipou para o resgate.

Mas antes que ele pudesse subir na árvore, um casal de Araras-piranga – que havia observado previamente o ninho chegou e começou a atacar. Felizmente outro casal de araras apareceu pronto para o combate pelo valioso local para nidificar, e distraíram a atenção direcionada ao desafortunado humano preso na árvore. Isso deu a Sam, a oportunidade de subir e desembaraçar ela, trazendo com segurança ao solo.

Somente mais um dia típico em campo!

Revisão de Livro

Livro de Bolso de Biologia de Aves do Laboratório de Ornitologia de Cornell – Terceira Edição.

Irby J. Lovette e John W. Fitzpatrick. Editora John Wiley and Sons, 2016.

Desde a sua primeira publicação pelo Laboratório de Ornitologia da Cornell em 1972, o Livro de Bolso de Biologia das Aves tem sido entusiasticamente recebido pelos observadores de aves (e psitacídeos) assim como estudantes da universidade, e está agora na sua terceira edição. E que edição.

O volumoso volume (tanto em conteúdo como em peso) é acompanhado pela biblioteca virtual da Cornell. Os contribuintes de todo o mundo – experts em ornitologia – elaboraram a mais atualizada informação disponível.

Existe uma abundância de gráficos, ilustrações, e um grande glossário, com glossários menores dentro dos capítulos para uma referência mais fácil, e extensivas referências ao final de cada capítulo para maiores pesquisas. Existe até mesmo uma imagem em microscopia eletrônica aqui e ali, caso você queira ver as coisas ao nível celular.

O texto é avançado, mas escrito de maneira clara. Existe muito para absorver, mas nunca é entediante: um capítulo particularmente notável é *Penas e Plumagens*. A diversidade de penas de aves e plumagens é impressionante, com as suas diferentes estruturas, tipos, funções, e claro, cores. Outro capítulo cativante é *O Vôo das Aves*.

Apesar de não ser estritamente sobre psitacídeos, existem exemplos por todo capítulo (leia na página 77 sobre as diferenças de cores nos sexos para papagaios Ecletus, e na página 140 para mutações em Periquitos Australianos). Além do mais, é uma grande maneira para entusiastas de psitacídeos que desejam compreender em maior profundidade as suas vidas – diversidade e classificação, evolução, penas e plumagens, vôo, anatomia e fisiologia, forrageamento e dieta, acasalamento e comportamento

social, comportamento vocal, reprodução, migração e dispersão, ecologia de populações, comunidades de aves e conservação.

Esse livro literalmente lida com tudo relacionado a aves – dê uma olhada nos requerimentos energéticos de um Periquito australiano voando em diferentes velocidades em um túnel de vento. Isso *é detalhamento*.

Admiradores de psitacídeos interessados nas características internas e externas de suas aves favoritas estarão ansiosos para colocar as suas mãos nesse texto completo: repleto de informações, e fatos interessantes e pouco comuns.

Faça sua compra online:

www.academy.allaboutbirds.org/textbook

9º Cruzeiro anual dos admiradores de psitacídeos, 10-27 de Novembro, Canal do Panamá.

Tenha contato com as águas mais azuis e melhores paisagens no mundo! Aprenda com os seminários sobre psitacídeos à bordo, e tenha a oportunidade de ver psitacídeos selvagens em excursões exclusivas.

Um cruzeiro espetacular para todos os admiradores de psitacídeos! Esse cruzeiro de 10 dias irá contar com 6 portos de ancoragem, incluindo: Princess Cays (Bahamas), Cartagena (Colombia), Canal do Panama e Colon (Panamá), Puerto Limon (Costa Rica), e Georgetown (Ilhas Caimã).

Reserve o seu lugar hoje!

carolstraveltime@gmail.com

1-510-200-5665 (EUA)

UM ANO EM DESTAQUE: **Progresso para as Araras-de-garganta-azul**

ESCRITO POR José Antonio Díaz Luque,

Programa do WPT Bolivia para a Arara-de-garganta-azul

Legenda: O resultado foi o bem-sucedido vôo de oito novos jovens nessa população frágil...uma taxa extraordinária de sucesso.

Um ano no qual o projeto consegue quase tudo que se propôs a fazer é um bom ano. Para a criticamente ameaçada Arara-de-Garganta-azul é duplamente importante: com menos de 200 indivíduos na natureza, todo ano bom conta.

NA SUA TERRA NATIVA DA BOLÍVIA, AS Arara-de-Garganta-azul (*Ara glaucogularis*) tem estado em um padrão constante: dificuldades reprodutivas, um habitat que diminui, e captura severa para o comércio de aves de estimação levaram a sua população a precários níveis nos anos 80. Em 2002 o World Parrot Trust começou apoiar esforços críticos para auxiliar essas maravilhosas araras na região de Beni na Bolívia.

Durante a década seguinte o Projeto *Arara-de-Garganta-azul* coletou novas informações sobre a ecologia das aves e contínuas ameaças à sua sobrevivência. Medidas inovadoras foram colocadas em prática para proteger as aves, mas os seus níveis populacionais tem permanecido baixos, principalmente por causa do número de casais reprodutivos ainda ser baixo. Somando-se a isso, nos anos de problemas climáticos e ambientais, nenhuma tentativa reprodutiva é feita.

Esse fato impulsiona nossa equipe a continuar o nosso trabalho de campo com urgência aumentada ano após ano. A última de nossa série de esforços com o projeto foi em 2016: em 59 de pesquisa conseguimos mapear uma grande parte do habitat da Arara-de-Garganta-azul entre outras tarefas importantes. Um foco principal da nossa busca dessa vez foi uma nova área, a região dos grandes lagos ao Noroeste de Beni. Nós destacamos essa localização em particular porque tinha o potencial de abrigar Araras-de-Garganta-azul, e os locais haviam relatado ver as aves ali. Já que ninguém havia explorado ali antes, não estávamos certos de que as encontraríamos.

Nós completamos uma viagem inicial em Maio, juntamente com um grupo de instituições incluindo o CIBIOMA, CLB, e o Museu de História Natural de Santa Cruz, passando dez dias exaustivamente buscando por 215Km de estradas ao redor da floresta amazônica e seca, 35Km de bordas de lagos por barco e 18Km de florestas a pé. Esse esforço massivo se provou sem resultados, mas existem outras porções que prometem algo a serem pesquisadas.

E então, uma pausa: no final de Outubro de 2016, após uma viagem mais detalhista de 735Km por motocicleta, nós localizamos um grupo não documentado de ao menos dez adultos na área municipal protegida dos grandes lagos tectônicos de Exaltación. O grupo era novo para a ciência, mas as pessoas vivendo ali já conheciam as aves por mais de duas décadas. Apesar de que aparentemente a população sempre foi pequena, os locais a viram dobrar de tamanho durante esses anos.

O período reprodutivo inicia, e então...

A Arara-de-Garganta-azul sofre com os problemas de recrutamento: uma falha devido aos pais não conseguirem criar os filhotes, seja qual for a razão, sendo que estes deveriam continuar o processo reprodutivo da espécie. Isso é onde nós intervimos, dando a elas os meios de incubarem com sucesso, eclodir e criar os seus filhotes até a vida adulta.

Tão difícil como a situação geralmente é, nesse ano que se passou tivemos notícias fantásticas: encontramos três novos ninhos de araras, todos com ovos. Portanto, imediatamente tomamos medidas vitais: a prevenção contra predadores que escalam as árvores através da colocação de cones de metais, com o mínimo de perturbação, em todas as árvores para protegê-los durante o vulnerável período de incubação e criação dos filhotes. Nós também podamos uma das árvores para prevenir acesso ao ninho através das árvores vizinhas.

Apesar do sucesso geral em proteger os ninhos, nós temos algumas vezes encontrado casos de roubo de filhotes por predadores desconhecidos. A detecção de predadores é difícil em qualquer momento, mas é especialmente difícil de noite. Verificamos as câmeras a cada 10 dias por imagens e trocamos as baterias.

A proteção dos ninhos funcionou; nós não tivemos predação em nenhum dos ninhos monitorados. O resultado foi uma eventual saída do ninho de *oito novos filhotes nessa população frágil*. Essa é uma extraordinária taxa de sucesso, que atribuímos às medidas de proteção instaladas.

Araras necessitam de árvores

As vidas das Araras-de-Garganta-azul são intrinsecamente conectadas às árvores – Palmeiras Motacu, em especial. *Attalea phalerata* é extremamente importante para forragear e reproduzir. Infelizmente, essa e outras espécies de árvores tais como a Curupaú (*Anadathera colubrina*) estão desaparecendo. O valor dessas árvores para as araras não pode ser subestimado, portanto a sua perda contínua é um problema sério a ser resolvido.

Para começar a lidar com isso, a equipe começou a trabalhar com o Centro de Pesquisa de Biodiversidade e Meio ambiente (CIBIOMA) para estabelecer uma estufa de plantas com a capacidade de produzir 5.000 árvores por ano para fazer reflorestamento, e construir uma estufa no centro de conservação da Arara-de-Garganta-azul. Nós descobrimos que de cada dez espécies de plantas na área, seis proporcionam alimento e três proporcionam ninhos.

Utilizando essa informação vital, partimos para trabalhar plantando 1.508 mudas de árvores nativas com mais de 90% de sucesso, em um total de 15 hectares de floresta renovada, um bom passo inicial. Planejamos continuar esse esforço extensivo na área pelos próximos anos.

Comunidades: Educação e envolvimento

As Araras-de-Garganta-azul são as únicas que vivem na área: há pessoas também. Na área de ocorrência da arara, identificamos 16 importantes comunidades rurais de acordo

com o seu relacionamento com as araras devido a que sempre existe potencial para interação, tanto bom quanto ruim.

A solução é educar as pessoas e envolvê-las. A equipe do projeto tem desenvolvido materiais para criar uma conscientização entre as comunidades com o passar dos anos, e nesse último ano apresentamos programas educacionais com o tema de conservação para mais de 2.800 pessoas (na maior parte crianças), dando a maior prioridade para aquelas que vivem próximo das araras.

O programa nas escolas rurais é separado em oito diferentes módulos educacionais. As crianças participam em uma roda de perguntas sobre psitacídeos no começo e final de cada ciclo de módulos, para ver o quanto elas aprenderam sobre as aves. Em somatória a isso, nós atingimos uma significativa porção de pessoas nos festivais e outros eventos. No futuro próximo procuraremos contratar as pessoas locais para trabalhar na reserva local Pampas del Yacuma, encorajando outro nível de inclusão no mundo das araras.

Reprodução em cativeiro e soltura: uma nova fronteira para as Araras-de-Grganta-azul

O projeto fez bom progresso em uma nova área – reprodução em cativeiro para soltura na natureza. É uma idéia que necessitou muita consideração e planejamento. Nossa conclusão, obtida com experiências valiosas ao soltar outros psitacídeos, é a de que pode ser viável em termos de se aumentar uma população selvagem que passa por problemas.

No centro de conservação, primeiramente estabelecido em Outubro de 2012, a construção de novos aviários de reprodução e vôo foi completada em preparação para receber aves atualmente localizadas no Reino Unido, EUA e Canadá. A esperança é a de eventualmente começar novas populações com cuidadosas reintroduções de aves previamente selecionadas e nascidas em cativeiro.

Olhando adiante

No futuro, o projeto olha adiante para desenvolver mais essas ações atuais, assim como expandindo o programa em novas e importantes áreas ao norte e nordeste da sua área de distribuição, onde existe esperança de se encontrar novas populações. Nosso programa de restauração irá crescer também, e nossos planos de criar uma nova área protegida ao sul da região de ocorrência da espécie já se tornaram realidade.

Se tudo continuar bem, nós teremos mais notícias encorajadoras para compartilhar nos próximos meses. Nossos sinceros agradecimentos aos muitos apoiadores e fundações que tornam isso possível.

Legendas:

Um membro da equipe sobe em uma árvore para checar uma caixa-ninho.

Educação e participação = orgulho da vida selvagem local.

Um jovem cuidadosamente recebe um checagem de saúde completa.

Um casal selvagem observa enquanto o seu ninho é monitorado pela equipe do Wpt.

Sócios:

Com o passar dos últimos 12 meses, o World Parrot Trust tem fortalecido as suas conexões com: Dirección General de Biodiversidad y Áreas Protegidas; Centro de Investigación en Biodiversidad y Medio Ambiente (CIBIOMA); Fundación para la Conservación de los Loros en Bolivia (CLB); Centro de Biodiversidad y Genética de la Universidad Mayor de San Simón (CBG-UMSS); Instituto de Investigación de la Facultad de Ciencias Pecuarias (IIFCP); Facultades de Ingeniería Agronómica, Veterinaria y Zootecnia de la Universidad Autónoma del Beni José Ballivián; Secretaría de Medio Ambiente del Gobierno Departamental del Beni; Centro Ecoturístico el Tábano Campestre; Honorable Alcaldía Municipal de la Ciudad de Trinidad; Honorable Alcaldía Municipal del Municipio de Loreto; Honorable Alcaldía Municipal de Santa Rosa del Yacuma; Honorable Alcaldía Municipal de Exaltación, Federación de Ganaderos del Departamento del Beni y Pando (FEGABENI).

FINALMENTE LIVRES:

Soltura de Tiribas-de-testa-vermelha

Artigo por Silvana Davino, Fotos © ASM Cambaquara

A ASM Cambaquara recebe tiribas desde 2013. Em geral, são filhotes retirados dos ninhos dos forros das casas, que danificam a fiação da rede elétrica e fazem barulho durante a noite, incomodando o sono de muita gente. A temporada reprodutiva começa em setembro e termina em março.

Preocupados com o aumento de demanda de filhotes, criamos o projeto de “cuidadores de tiribas” e a Sandra Tellefsen Pietzchke aceitou o desafio! Ela foi se familiarizando com a espécie e cuidou de três ninhadas até o momento em que as tiribas começam a se alimentar sozinhas.

Este ano foi diferente. Recebemos menos tiribas que o esperado. Somente no final de outubro, recebemos a primeira ninhada. Atribuímos essa redução a dois fatores: o atraso no começo da primavera e a uma maior conscientização das pessoas, em decorrência da campanha de educação ambiental feita em março de 2016, junto à Secretaria de Meio Ambiente de Ilhabela, onde foi abordado o tema, apresentando uma solução ao problema e explicando que a retirada de ninhos é crime ambiental.

Os filhotes de tiribas passam por várias etapas até chegar a soltura... Da caixa de papelão com aquecimento para gaiola pequena onde aprendem a se alimentar sozinhos. Depois vão para aviários pequenos de 2m x 1,5m, onde aprendem a voar e finalmente vão para os grandes aviários, onde as ninhadas se juntam. É a hora de mostrarem suas aptidões para retornar à natureza.

A soltura foi realizada, após 12 dias de muita chuva, em um domingo de sol. No total, foram 25 tiribas de 4 ninhadas juntas. A soltura de tiribas é sempre alegre. Elas são curiosas. (foto). Aos poucos as tiribas começam a sair e explorar o entorno. Elas produzem neste momento um som único. E assim vão se afastando pelas árvores e descobrindo novas texturas. De repente, saem voando em bando e retornam para próximo dos aviários e comedouros... E assim fazem repetidas vezes, aumentando cada vez mais o raio de vôo.

São mantidos quatro comedouros externos com frutas, sementes e água. Após mais de um mês da soltura, elas ainda retornam aos comedouros e mantêm suas formações de grupos de ninhadas, mas também se juntam em único grande bando e cruzam o céu da ASM Cambaquara.

Um momento a ser celebrado pela liberdade das tiribas e integração dos parceiros atuantes na causa. Participaram da soltura, a voluntária Sandra, representantes da Polícia ambiental, da Secretaria do Meio ambiente de Ilhabela, da ONG Instituto Ilhabela Sustentável, Parque Estadual de Ilhabela e o funcionário Eduardo. Esse trabalho é parcialmente financiado pelo World Parrot Trust.

Leia as edições anteriores da PsittaScene Verão de 2015 e Verão de 2016 para mais artigos sobre a ASM Cambaquara.

Legendas:

(página oposta) Liberdade! (acima à esquerda). Alimentado um dos filhotes. (abaixo à esquerda) As aves sendo encorajados a sair do aviário com os alimentos. (acima à direita) Observadores testemunham a soltura. (meio à direita) As aves soltas em uma das estações de alimentação. (abaixo à direita) Forrageando nos alimentos nativos.

PsittaNews

As populações de Kaka do Fiordland aumentam com um boom populacional

Existem boas notícias para pelo menos uma população selvagem de Kaka (*Nestor meridionalis*): os cientistas relataram um crescimento nos números na floresta de

Fiordland na Ilha sul da Nova Zelândia.

Vinte vezes mais juvenis e quatro vezes mais fêmeas foram encontradas, um bom sinal de recuperação para a espécie, listada pela IUCN como ameaçada. As estatísticas atuais demonstram bons resultados para a estabilidade dessa população, conforme os números históricos eram muito enviesados em relação a machos. O aumento populacional recente que a razão entre macho e fêmea começou a se equilibrar de novo, ajudando a normalizar a reprodução.

Leia mais em:

www.tinyurl.com/zs6po28

Aruba nomeia o ‘Prikichi’ como a ave símbolo nacional

Respondendo ao chamado da Conservação de Aves de Aruba, o Conselho de Ministros em Aruba, no dia 7 de Fevereiro de 2017 aprovou uma proposta para declarar o ‘Prikichi’, ou Periquito-de-garganta-marrom (*Eupsittula pertinax arubensis*), como ave símbolo nacional de Aruba. A subespécie ocorre somente em Aruba, e espera-se que aumentando a sua visibilidade se conseguirá aumentar a conscientização sobre ela e outros animais endêmicos de Aruba.

Leia mais em:

www.tinyurl.com/z5xvk4y

As Cacatuas-negras de Carnaby’s continuam a lutar pela sobrevivência

De acordo com a Birdlife Australia, a população ao norte de Perth da Cacatua-negra (*Zanda latirostris*) diminuiu 53% desde 2010. O declínio é devido ao desmatamento e não restauração da plantação de pinheiros Gngangara-Yanchep-Pinjar na parte norte da cidade, onde as aves se alimentam e fazem dormitório.

As cacatuas começam a utilizar os pinheiros dessa área como alimento após a perda de sua floresta tradicional de Banksia. As autoridades reconhecerem o declínio da população de cacatuas e estão planejando medidas para proteger a espécie, incluindo criar centenas de cavidades de ninho artificiais e plantar 5.000ha de pinheiros.

Leia mais em:

www.tinyurl.com/jbd2nvk

PSITACÍDEOS NA NATUREZA: PAPAGAIO-DO-CONGO NA NATUREZA:
Psittacus erithacus

“o drama matutino no jardim! Um dos nossos Papagaios-do-Congo visitantes costumeiros estava cuidando da sua própria vida quando Calaus (*Bycanistes subcylindricus*) decidiram tomar o seu poleiro privilegiado.

O papagaio manteve o seu local por um tempo, e eles quase pareceram ter uma conversa amigável – ou talvez estavam trocando insultos? – antes que eventualmente abandonou os Calaus.”

*Foto © Sherry McKelvie Wildlife Photography
Kampala, Uganda.*